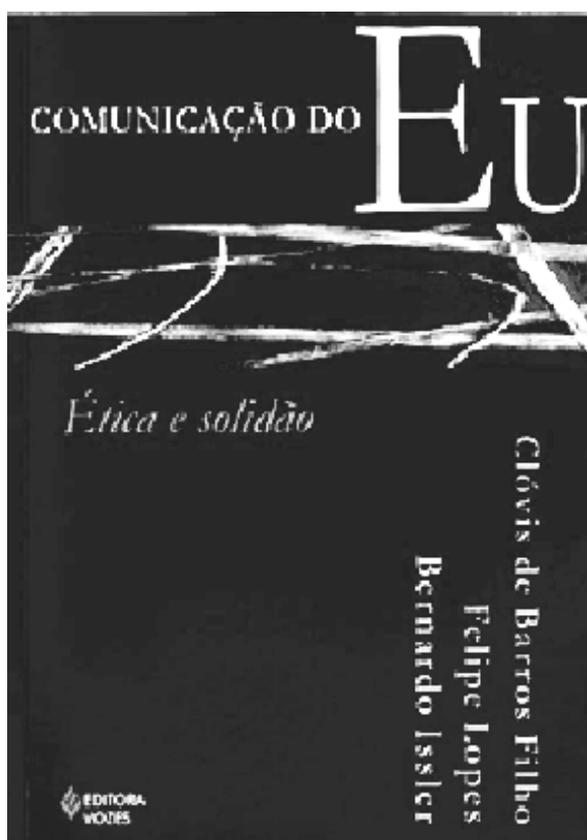


Sobre o livro *Comunicação do eu: ética e solidão* *



O QUE É O EU? Existe afinal algum? Há muito a filosofia e os eruditos já tratam do assunto. Brilhantes cérebros se dedicaram exaustivamente a ele. Ricas discussões. Pouco consenso. A linguagem coloquial, por sua vez, nos revela que os profanos do jogo filosófico tampouco abdicaram de meter sua colher na discussão. Fato que remete essa reflexão para muito além dos muros da academia. Longe dos feudos universitários, a discórdia insiste em imperar. Pode-se supor ao mesmo tempo, sem apego à coerência, um eu definido em definitivo e outro fugaz, que apenas vai deixando de ser. Assim os chavões “gosto de você como você é” e “você não é mais o mesmo” são anunciados onde houver confidências. Ante tamanha inconclusão, cabe a pergunta: por que raios escrever mais um livro sobre o tema? Prazer de piromaniaco? Satisfação em colocar mais lenha na fogueira? Ou arrogância ingênua em querer buscar soluções para o clássico problema? Nem um, nem outro. *Comunicação do Eu: ética e solidão* propõe, para o Eu, uma abordagem original: o viés da comunicação. Eis a singularidade do livro. Seu objeto não é propriamente o Eu, mas sua comunicação. Por isso, a adequação do título.

Um livro em duas partes. A primeira aborda o discurso que anunciamos de nós mesmos. *O Eu que se apresenta*. Estamos sempre informando quem somos. Exigências do mundo social. Mas o que é exatamente informado? Algo que rigorosamente se identifica com nossa essência? Uma investigação científica com o objeto *nós*? Ou mera narrativa fantástica? O discurso identitário é, na verdade, apresentado aqui como um pré-requisito para a vida em sociedade. Obedece a padrões interiorizados e negociados ao longo da vida social. A apre-

Arthur Meucci

ESPM

sentação de si nada tem de original. Segue regras e leis estritas. Com punições claras para o caso de sua transgressão. “Olá, acredito na transmutação das almas, posso sentar aqui?” Uma abordagem desse tipo condenaria o emissor ao isolamento social.

Mas não são apenas os conteúdos da apresentação de si que seguem rígidos padrões. Sua forma também tem origem no social. Como a voz. Não a voz interior. Intrapessoal. Longe do outro e de seus constrangimentos. Essa não interessou aos autores. O que está em estudo é a comunicação do Eu com algum outro. A voz interpessoal. Essa sim constitui nosso objeto. Essa tem sua consciência, assim como a de seus conteúdos, adquirida e desenvolvida por meio dos encontros que temos com o mundo. Mundo social que não paramos de percorrer.

A segunda parte do livro, por sua vez, aborda o discurso dos outros sobre nós. *O Eu apresentado*. O Eu, muitas vezes, classificado. Estereotipado. Simplificado. Reduzido. O Eu que participa de uma polifonia discursiva. O Eu do qual se fala, até mesmo após a morte do seu sujeito. O Eu silenciado, pelos outros. Autorizado ou desautorizado a falar. O Eu que escapa ao próprio Eu.

Duas partes que atendem a reclamos pedagógicos. Vício cartesiano. O livro é um todo. Nele, nada é isolável. Afinal, o Eu se apresenta e é apresentado a todo instante. Num comércio identitário sem fim. Que desvela todo seu fluir. Incomunicável. Porque é fluir. Em ato, só afetos. Estados corporais. Mapas de nosso corpo. A tristeza. Esse peito que sufoca. Esse ar que não vem. Essas lágrimas que pesam por detrás dos olhos... Que, quando comunicados, já não são mais. Afetos supervenientes. Quase sempre ainda tristeza. Ainda angústia. Ainda melancolia. Mas não mais as mesmas. O ato de comunicá-las já as teriam modificado.

Eis o Eu: a imagem de um pedaço de natureza, onde sua fronteira - a pele - guarda sua verdade: a solidão. Ninguém vive o desejo alheio. Ninguém vive o sorriso do

outro. Tampouco suas lágrimas. Essa tristeza que toma todo meu corpo é minha, somente minha. Ninguém mais pode senti-la. Como a dor de minhas cáries. Um outro solidário? Talvez se entristeça com minha tristeza. Mas aí, será a dele. Uma outra. Tristeza solidária. Compaixão.

É por que o eu vive só que acreditamos na importância da sua comunicação. Nenhuma incoerência. Comunicar é o que lhe resta. Mesmo que de forma imperfeita. Para dividir a solidão. Uma forma de resistência. O isolamento nos condena à alienação. De nós mesmos. Não há referenciais para nos indicar quem somos. Para designar a posição que nos cabe. Para nos informar nossos rostos. Sua topologia específica. Para nos identificar, em suma. Pior: o isolamento nos condena ao sofrimento. À angústia. À amargura. À morte. O real agride demais para dispensarmos ajuda alheia. Para não ajudarmos o outro. *Ágape*. Caridade e compaixão com o desejo que não é nosso. Com a miséria que não é a nossa. Por isso a moral, para quando nos falta esse amor pelo outro. Sua ausência a justifica. Tolerância. Só assim podemos conviver sem tornar a existência mais insuportável.

Mas, juntemo-nos aos autores. Todos sabemos que também a moral pode faltar. Nenhuma garantia. Por isso viver é resistir. O mundo nos é quase sempre hostil. O eu, só um discurso. Que permite nos apresentar ao outro e a nós mesmos. A expressão, a história de uma existência real ou imaginada. Mas desejada em ato. A manifestação mais bem acabada para si de si no momento. Às vezes cínica, muitas vezes sincera. O eu, para os autores, é o rosto que damos, sempre relativo a uma situação, à expectativa dos outros e de nós, à nossa insistência particular. Por isso a memória é sua condição. A gramática: sua estrutura. A solidão: sua verdade •

Notas

Comunicação do Eu: Ética e Solidão

De Clóvis de Barros Filho, Felipe Lopes e

Bernardo Issler (Vozes, 2005)